

Retratos do envolvimento paterno com crianças em idade pré-escolar na cidade de Bragança

Pictures of paternal involvement with preschool-aged children in the city of Bragança

Rosa Maria Ramos Novo

Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação

rnovo@ipb.pt

Ana Raquel Russo Prada

Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação

raquelprada@ipb.pt

Resumo

Com o estudo descrito neste artigo visa-se caracterizar o envolvimento paterno com crianças em idade pré-escolar na cidade de Bragança, analisando especificamente os domínios referentes aos cuidados, às atividades lúdicas e à disciplina. Partindo do modelo multidimensional proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987) e da revisão da literatura existente na área, neste estudo exploratório de cariz quantitativo, utilizou-se como instrumento de recolha de informação uma versão adaptada da Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal & Maroco 2010a) junto a uma amostra de 435 pais, com idades compreendidas entre os 20 e 62 anos. Os resultados apontam para um maior envolvimento do pai em atividades lúdicas e menor ao nível da disciplina. Foi igualmente evidente que os pais não se diferenciam no envolvimento em função do estado civil e da situação profissional, mas diferem em função da escolaridade, da idade do pai e do número de filhos numa análise intra-itens. A idade e o género da criança não influenciam o envolvimento paterno nos domínios considerados.

Palavras-chave: *Envolvimento Paterno; Idade Pré-Escolar; Parentalidade.*

Abstract

Despite the growing interest in father involvement little is known on national research. The study described in this article aims to characterize parental involvement with preschool-aged children in the city of Bragança, in the areas relating to care, recreational activities and discipline. Based on a multidimensional model proposed by Lamb, Pleck, Charnov and Levine (1987) and on the literature review in the field, it was developed a quantitative study with an adapted version of the Parental Involvement Scale (Simões, Leal & Maroco 2010a) as a core technique in data collection with a sample of 435 parents, aged between 20 and 62 years. Results demonstrate that fathers are more involved in recreational activities and less involved at the level of discipline. Parents don't differ in involvement on the basis of marital and employment status, but differ depending on the father's education and age and also on the number of children in an intra-item analysis. The age and gender of the child differentiate father's involvement in the fields investigated.

Keywords: *Father Involvement; Preschool-aged children; Parenting.*

Introdução

O estudo sobre o envolvimento paterno tem sido foco de atenção crescente ao longo das duas últimas décadas. Com efeito, perante as transformações familiares, sociodemográficas, culturais, económicas e históricas é cada vez mais reconhecido o papel do pai na educação e na promoção do desenvolvimento da criança (Cia & Barham, 2009; Monteiro et al., 2010; Parke, 2000; Roskam & Meunier, 2009; Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b; Souza & Benetti, 2009). Não obstante, apesar da reconhecida importância da figura paterna, as mães continuam a assumir uma parte desproporcional da responsabilidade no cuidado e na educação da criança

(Cabrera, Tamis-Lemonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb, 2002; Pleck, 2010; Pleck & Masciadrelli, 2004).

Na década de 70, sob a influência das primeiras teorias que privilegiavam as relações de vinculação entre a mãe e a criança e os seus contributos para o seu desenvolvimento (Bowlby, 1969/1982), o conceito de envolvimento paterno centrou-se essencialmente na trajetória feminina rumo à parentalidade (Lamb, 2002; Souza & Benetti, 2009), e com especial ênfase nas relações estabelecidas na primeira infância (Roggman, Fitzgerald, Bradley, & Raikes, 2002). Esta sub-representação da figura paterna na investigação tem sido amplamente discutida na literatura (Phares, Fields, Kamboukos, & Lopez, 2005; Phares, Lopez, Fields, Kamboukos, & Duhig, 2005). A partir dos anos 80 foi evidente uma maior valorização da figura paterna, embora o envolvimento paterno tenha sido analisado de uma forma demasiado simplista. De facto, destacou-se um papel unidimensional, essencialmente centrado nas suas funções como patriarca e provedor de sustento da família (Lamb, 2010; Souza & Benetti, 2009). Esta imagem paterna tem vindo a alterar-se e, de um pai como mera figura de autoridade e disciplinador, pouco envolvido emocionalmente, realça-se um pai cuidador, mais afetuoso, presente e envolvido no quotidiano dos filhos (Balacho, 2004; Lamb, 2010; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008), bem como uma maior valorização da partilha de responsabilidades entre o pai e a mãe (Balacho, 2004; Cabrera et al., 2000).

Acresce ainda que, no caso concreto de Portugal a nova lei de Parentalidade (Decreto-Lei n°91/2009) pretende propiciar condições para uma maior igualdade e partilha de responsabilidades junto dos pais e das mães e assim diluir a divisão tradicional baseada no género.

Compreende-se, assim, que ser pai é um papel que se encontra em ampla transformação, ainda que tais mudanças, tal como alerta Jablonski (2007), não estejam a concretizar-se na quantidade e qualidade desejáveis, afirmando mesmo que existe dualidade no modelo de paternidade exercida. Silva e Piccinini (2004) acrescentam ainda que esta transformação reflete-se sobretudo no discurso dos especialistas mais do que na prática dos progenitores, existindo, portanto, um longo caminho a percorrer para se que alcance uma efetiva paridade.

Nesta sequência, o estudo descrito neste artigo pretende contribuir para o esclarecimento da seguinte questão de investigação: *Que envolvimento apresentam os pais das crianças em idade pré-escolar, na cidade de Bragança?* Para dar resposta a esta questão utilizou-se uma abordagem exploratória, descritiva e de natureza quantitativa, tendo como objetivos específicos: (1) compreender o envolvimento paterno nos domínios referentes aos cuidados, atividades lúdicas e disciplina; (2) analisar a relação entre os domínios de envolvimento paterno e as características

sociodemográficas do pai (idade, estado civil, escolaridade, situação profissional e número de filhos) e (3) identificar a relação existente entre a idade e o género da criança e os domínios de envolvimento paterno.

Em termos de estrutura o presente artigo é constituído por cinco momentos: no primeiro momento explora-se o quadro conceptual de envolvimento parental; no segundo momento focam-se as investigações nacionais realizadas, equacionando possibilidades mas também as tensões que afetam essa investigação; depois o método, com referência aos participantes do estudo, aos instrumentos utilizados, ao procedimento e aos testes estatísticos selecionados; no quarto momento são apresentados os resultados e a sua discussão e, por fim, as conclusões, onde também se inclui uma referência às limitações do estudo e algumas propostas para investigações futuras.

Envolvimento paterno

Clarificação conceptual

Apesar da reconhecida importância do envolvimento paterno no desenvolvimento da criança, há ainda um longo caminho a percorrer em busca dos “contornos” deste envolvimento e das suas implicações, tanto para filhos, como para pais. Com efeito, nem todas as formas de envolvimento paterno são conceptualmente equivalentes (Parke, 2000).

De acordo com Jeynes (2010) o conceito de envolvimento pode definir-se como a participação paterna nos processos educativos e nas experiências da criança. Neste pressuposto fica claro que o envolvimento paterno exige a assunção de responsabilidades numa série de aspetos referentes à socialização, à aprendizagem e ao desenvolvimento da criança. Assim deve primeiramente referir-se que a forma como o pai desempenha o seu papel paterno é um resultado complexo das atividades aos níveis macro, exo, meso e micro (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

E na sequência das transformações nas expectativas em relação à figura paterna, bem como da gradual importância que lhe é atribuída, os estudos mostram que o envolvimento paterno é mais elevado nos pais com crenças mais igualitárias acerca do papel das mulheres (Pleck & Masciadrelli, 2004) e igualmente naqueles que demonstrem crenças mais centradas na criança (NICHD/Early Child Care Research Network, 2000).

No entanto, uma questão nuclear relativamente ao envolvimento paterno prende-se com a necessidade de o equacionar mais além da mera presença ou ausência do pai (Day & Lamb, 2004; Featherstone, 2004; Parke, 2000; Saracho & Spodek, 2008). Neste sentido deve referir-se que este conceito ora é usado para designar o pai que utiliza mais tempo para estar com o filho,

ora para assinalar aquele que tem uma maior disponibilidade e responsabilidade para com a criança. Também neste âmbito, há que assinalar que em outras investigações o foco tem sido na distinção dos níveis de envolvimento paterno relativamente a outros cuidadores (Parke, 2000; Palkovitz, 2002). Por exemplo, Radin (1994) destaca a necessidade de diferenciar o “envolvimento absoluto” do “envolvimento relativo”. Com base nesta autora, o envolvimento absoluto reporta-se ao número de horas que a figura paterna despende com a criança, enquanto o envolvimento relativo traduz a comparação entre o envolvimento paterno em relação ao despendido por outros cuidadores.

De entre as conceptualizações de envolvimento a mais influente é, sem dúvida, o modelo tripartido de envolvimento paterno de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1985; Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987), o qual diferencia três componentes.

A primeira componente refere-se à interação direta podendo esta definir-se como o tempo que o pai despende no contacto direto com a criança por meio de cuidado ou de atividades conjuntas. Como anteriormente mencionado, a investigação inicial focalizou-se, sobretudo, na componente de interação direta (Featherstone, 2004; Parke, 2002). Neste âmbito Palkovitz (1997) postula que esta interação pode ocorrer em atividades de assistência direta (como a alimentação, o dar banho, o vestir e deitar a criança) ou de jogo (como o brincar com a criança ou o de ler para a criança).

A segunda componente incide sobre a acessibilidade, sendo esta considerada como o potencial de disponibilidade do pai para com a criança, interagindo, ou não, diretamente com a mesma. Relativamente a esta componente, a maioria dos estudos tem-se debruçado sobre situações de divórcio e de monoparentalidade, escasseando publicações sobre as famílias biparentais (Parke, 2002).

A terceira componente diz respeito à responsabilidade, na qual se acentua o papel do pai na assunção dos cuidados básicos, da segurança e bem estar da criança, assinalando alguns autores a emergência de se averiguar a responsabilidade do pai ao nível físico e emocional (Doherty, Kouneski, & Erickson, 1998). Esta constitui, sem dúvida, a componente mais difícil de avaliar.

Apesar da generalidade dos autores considerar este modelo como desejável alguns continuam a considerá-lo não isento de críticas (Schoppe-Sullivan et al., 2006), pelo facto das componentes afetivas e cognitivas não estarem contempladas (Palkovitz, 2002). Por isso, mais recentemente tem-se postulado a necessidade de uma visão de envolvimento paterno mais abrangente, multidimensional e multideterminada.

Pode assim dizer-se que os diversos autores não só conceptualizam de forma diferente o envolvimento, como têm considerado diferentes variáveis e fatores que se relacionam com o

mesmo. É, portanto, essencial salientar que os fatores associados ao envolvimento paterno diferem entre si, dependendo da forma como este é operacionalizado. De seguida procede-se a uma referência de estudos portugueses desenvolvidos sobre o envolvimento paterno que contemplam as variáveis utilizadas nesta investigação.

Estudos empíricos nacionais em torno do envolvimento paterno: para uma compreensão mais abrangente

Uma análise dos estudos empíricos publicados sobre o envolvimento paterno não constitui uma tarefa simples pela variabilidade no que diz respeito à sua conceptualização e mensuração (Lamb, 2002). No entanto, considera-se essencial sistematizar os estudos empíricos realizados a nível nacional para aceder a dados condizentes com a realidade portuguesa.

Lima (2005), tendo por base o modelo de Lamb e colaboradores (1987), explorou o envolvimento paterno na socialização da criança. O estudo desenvolveu-se numa amostra de 50 pais e mães de crianças com idades entre os 3 e os 5 anos que frequentavam os Jardins de Infância da cidade do Porto. Em relação aos participantes a média etária dos pais foi de 37.6 anos e das mães de 34.8 anos, sendo que ambos estavam empregados e residiam com a criança. Para a recolha de dados foram realizadas entrevistas individuais com os pais e questionários preenchidos conjuntamente entre os pais e as mães. Foram ainda consideradas diferentes formas de interação entre os progenitores e as crianças. Os dados obtidos confirmaram que no fim-de-semana o tipo de envolvimento paterno é distinto consoante o género da criança (os pais despendem mais tempo em interação com os filhos do que com as filhas em atividades de tipo paralelo). Os resultados também revelaram que os pais mais velhos estão mais acessíveis do que os pais mais novos, assumindo mais responsabilidades. Posteriormente, noutra investigação similar, Lima (2008) numa amostra composta por 60 pais e mãe de crianças entre os 3 e os 5 anos de idade que frequentavam os Jardins de Infância da cidade do Porto, constatou a mesma tendência de resultados.

Simões, Leal e Maroco (2010b) conduziram uma investigação a fim de avaliar o envolvimento paterno. Para tal recorreram a uma amostra de conveniência composta por 145 pais residentes no distrito de Lisboa, com filhos com idades compreendidas entre os 5 e os 9 anos. Os pais com idades entre os 28 e os 59 anos eram, na sua maioria, casados ou em união de facto, detentores do ensino superior ou secundário e com um nível socioeconómico médio. Os resultados confirmaram um elevado grau de envolvimento, sobretudo nas dimensões referentes ao cuidado e à disponibilidade. Foi ainda notório que os pais não diferiram no envolvimento em função das habilitações académicas, do nível socioeconómico e da idade do pai. Outro dado que importa destacar prende-se com a existência de diferenças ao nível da disciplina em função

do número de filhos. Concretamente, os pais com duas crianças demonstraram disciplinar mais as mesmas do que os pais com apenas uma criança. Também foi evidente que, em termos de envolvimento relativo, os pais se perceberam percentualmente menos envolvidos em comparação com o tempo que atribuíram às mães. Apesar do resultados confirmarem o novo papel de pai na sociedade ocidental, a mãe persiste ainda como a primeira prestadora de cuidados, inclusive quando tem emprego a tempo inteiro, remetendo ao pai um papel secundário na vida das crianças.

No estudo conduzido por Pimenta, Veríssimo, Monteiro e Costa (2010) pretendeu-se analisar se a participação do pai, em comparação com a da mãe, variava consoante os seguintes tipos de atividades: cuidados diretos e indiretos, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior. Partindo de uma amostra composta por 338 famílias biparentais, casadas ou em união de facto, residentes na região de Lisboa, com filhos de ambos géneros, entre os 31 e os 78 meses, confirmaram diferenças na participação em função do género dos cuidadores. Concretamente, o envolvimento paterno tende a diminuir no domínio dos cuidados, enquanto as mães assumem claramente maior responsabilidade. Apesar de se ter verificado um maior envolvimento paterno nos cuidados à criança, a figura paterna apresenta-se mais relacionada com as atividades lúdicas. Também se constatou uma associação positiva entre o envolvimento paterno e a idade da criança, bem como o número de horas laborais da mãe e as suas habilitações académicas. Concluem, afirmando que com a entrada da mulher no mercado de trabalho as famílias confrontam-se com a necessidade de um maior envolvimento paterno na educação e no cuidado à criança.

Monteiro, Veríssimo, Pessoa e Costa, Torres e Vaughn (2010) investigaram, junto de 110 famílias nucleares portuguesas de crianças com idades compreendidas entre os 32 e 72 meses, a perceção do pai acerca do seu envolvimento (tendo por comparação o envolvimento materno). Para tal recorreram a uma escala de envolvimento parental composta por 26 itens agrupados em cinco domínios (cuidados diretos e indiretos, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior). Os resultados obtidos revelaram uma maior participação materna nas atividades relacionadas com os cuidados indiretos. Foi ainda possível constatar uma partilha igualitária ao nível dos cuidados diretos. Estes dados demonstram que o pai assume mais do que um papel de suporte, uma vez que se evidencia uma participação igualitária de pais e mães nos domínios de ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior. Sobressaiu ainda uma correlação negativa entre o domínio ensino/disciplina e a idade do pai, significando que nos pais de maior idade há um menor envolvimento neste domínio.

A riqueza dos contributos recolhidos no decurso destes estudos empíricos fortalece igualmente a compreensão da questão em estudo. Importa, assim, realçar as linhas transversais às investigações analisadas.

A descrição destes estudos permite apontar a) que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas (Lima, 2005, 2008); b) que os pais mais velhos estão mais disponíveis nas atividades diárias das crianças em idade pré-escolar, em comparação com os mais novos (Lima, 2005, 2008); c) que a interação entre pais e filhos implicam mais atividades de natureza lúdica (Pimenta et al., 2010) e d) e que o recurso à disciplina aumenta com o número de filhos (Simões et al., 2010b).

Apesar das conclusões sucintamente enunciadas, a primeira grande ideia que ressalta dos estudos revistos é a de que existe ainda um longo caminho a percorrer na compreensão do envolvimento paterno.

Para além disso, embora seja razoável supor que a metodologia utilizada para estudar o envolvimento materno se possa replicar junto dos pais, uma questão amplamente debatida na literatura é a de se existe a necessidade de desenvolver modelos e instrumentos de mensuração específicos para avaliar o envolvimento paterno (Pleck, 2010; Roggman et al., 2002). E ainda que não exista um consenso em relação a este aspeto, é reconhecida na literatura a necessidade de um refinamento dos atuais instrumentos de medida para que assim seja possível atender à multiplicidade de formas de envolvimento paterno (Palkovitz, 1997, 2002).

Também não devemos ignorar que sendo a variabilidade individual nas formas e níveis de envolvimento paterno um dado adquirido, a investigação poderá beneficiar-se da combinação de abordagens qualitativas e quantitativas (Roggman et al., 2002).

Em suma, é evidente na literatura revista, que atualmente dispomos de mais conhecimentos sobre a quantidade de envolvimento paterno, em detrimento de uma compreensão sobre a qualidade do mesmo (Palkovitz, 1997, 2002; Parke, 2000), e embora haja bastante consenso quanto aos componentes em análise, o debate continua quanto à forma ideal para os definir e avaliar.

Metodologia

Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 435 pais de crianças com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos a frequentar os Jardins de Infância da cidade de Bragança. Os participantes têm uma idade que se situa entre os 20 e os 62 anos de idade, com uma média de idades de 37.89 ($DP = 5.21$). No que respeita ao estado civil, salienta-se que a grande maioria dos pais é casado ou vive em união de facto (81.6%) e que apenas 12.2% são solteiros, 6% separados/divorciados e 0.2% são viúvos. Relativamente ao nível de instrução, evidencia-se o facto de a maioria dos participantes ter 12 ou mais anos de escolaridade (70.34%), salientando-se, no entanto, que a baixa escolaridade congrega cerca de $\frac{1}{4}$ dos participantes. Ao nível da situação profissional, a maioria está empregada (87.8%), estando 10.6% dos participantes desempregados e apenas 1.6% reformados. Todos os participantes têm pelo menos uma criança com idade compreendida entre os 3 e os 6 anos. O número de filhos varia entre 1 e 6, sendo a média de 1.66 filhos ($DP = 0.73$). A maior parte tem um (45.10%) ou dois filhos (46.40%), já 8.51% têm 3 ou mais filhos (tabela 1).

	n (%)	M (DP)	Mínimo	Máximo
Idade do Pai		37.89 (5.31)	20	62
Estado Civil				
Solteiro	53 (12.20%)			
Casado/União de Facto	355 (81.60%)			
Separado/Divorciado	26 (6%)			
Viúvo	1 (0.2%)			
Habilitações Literárias				
1º CEB	9 (2.10%)			
Ensino Básico	128 (29.43%)			
Ensino Secundário	145 (33.30%)			
Ensino Superior	153 (35.17%)			
Situação Profissional				
No ativo	382 (87.80%)			
Desempregado	46 (10.60%)			
Reformado	7 (1.60%)			
Nº de filhos		1.66 (0.73)	1	6
1 Filho	196 (45.10%)			
2 Filhos	202 (46.40%)			
3 ou mais Filhos	37 (8.51%)			

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos pais que participaram na investigação ($n=435$).

Apresenta-se em seguida a caracterização sociodemográfica dos filhos dos participantes. Existe uma ligeira predominância do género masculino (50.8%) face ao feminino (49.2%), tendo as crianças idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade, com uma média de 4.36 anos ($DP = 0.99$). É de referir ainda que a maioria das crianças tem 4 anos (32.90%), seguida dos 5 (29.90%), dos 3 (22.50%) e dos 6 (14.70%).

		n (%)	M (DP)
Género da Criança	Masculino	221 (50.80%)	
	Feminino	214 (49.20%)	
Idade da Criança	3 anos	98 (22.50%)	4.36 (0.99)
	4 anos	143 (32.90%)	
	5 anos	130 (29.90%)	
	6 anos	64 (14.70%)	

Tabela 2. Caracterização sociodemográfica das crianças (n=435).

Procedimento

Primeiramente foi estabelecido um contacto pessoal com todos os Jardins de Infância, públicos, privados e de solidariedade social da cidade de Bragança, na sequência do qual se apresentou o estudo em questão, explicando-se o tipo de colaboração pretendida e solicitando-se a devida autorização aos respetivos Agrupamentos. Ficou acordado que o inquérito, em envelope fechado, fosse entregue, via educadores de infância, às crianças que os entregariam depois aos pais. O inquérito integrava a apresentação do estudo aos pais, indicando-se as responsáveis pela investigação, o âmbito deste e a sua finalidade, e em que se solicitava a participação dos mesmos, com a especificação de que esta participação era voluntária, as respostas anónimas e a informação facultada confidencial. O inquérito foi preenchido pelo pai da criança num único momento de avaliação.

A devolução dos inquéritos, por parte dos pais, seguiu um percurso inverso, isto é, após o seu preenchimento foram novamente entregues aos educadores de infância através das crianças, em envelope fechado, de acordo com um prazo estipulado previamente (finais de junho de 2015).

O critério subjacente à participação no estudo foi o ser pai de uma criança entre 3 a 6 anos e frequentar um dos Jardins de Infância da cidade de Bragança.

Todos os Jardins de Infância aceitaram colaborar na investigação. No total foram entregues 550 inquéritos e obteve-se um retorno de 435 (87%).

Instrumento

Neste estudo procedeu-se a uma reformulação da escala de Envolvimento Paterno (Simões et al., 2010a). A escala adaptada contempla seis itens da escala original (itens 1, 2, 5, 6, 8 e 14), tendo sido acrescentados oito itens (itens 3, 4, 7, 10, 9, 11, 12 e 13). A validação da escala foi realizada com recurso à análise fatorial exploratória com rotação varimax, da qual resultou a extração de três fatores, nomeadamente, o domínio dos cuidados (itens 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10 e 12), das atividades lúdicas (itens 9, 11 e 13) e da disciplina (itens 2, 5 e 14), que explicaram 47.44%

da variância total (tabela 3). De referir ainda que na versão adaptada da escala o item 3 não correspondeu ao domínio referente às atividades lúdicas proposto na escala original, agrupando-se no domínio dos cuidados.

	Cuidados	Atividades Lúdicas	Disciplina
Item 1 – Alimentar a criança.	0.67	0.19	-0.07
Item 3 – Levar a criança ao parque infantil	0.56	0.17	0.06
Item 4 – Ida ao médico com a criança.	0.64	-0.05	0.19
Item 6 – Dar banho e vestir a criança.	0.70	0.23	0.00
Item 7 – Levar a criança a festas de anos.	0.63	0.00	0.22
Item 8 – Deitar a criança.	0.57	0.40	0.11
Item 10 – Ficar em casa quando a criança adoecer	0.57	0.25	0.02
Item 12 – Levar/ Buscar a criança ao Jardim de Infância.	0.55	0.20	0.15
Item 9 – Ajudar a criança a aprender.	0.21	0.75	0.07
Item 11 – Ler histórias à criança.	0.37	0.46	0.15
Item 13 – Brincar com a criança.	0.14	0.77	-0.01
Item 2 – Castigar a criança	0.22	-0.20	0.63
Item 5 – Estabelecer limites para o comportamento da criança.	0.08	0.38	0.60
Item 14 – Envolvimento na tomada de decisões quando a criança deve ser disciplinada.	0.02	0.14	0.77
Valores próprios	4.22	1.25	1.18
Variância explicada (%) 47.44	30.12	8.93	8.39
Alfa de Cronbach	0.80	0.70	0.43

Tabela 3. Pesos fatoriais dos itens da escala, variância explicada e consistência interna dos domínios definidos pelos três fatores extraídos.

Face à escala adaptada os valores de assimetria e curtose revelaram itens aproximadamente simétricos (tabela 4).

	M (DP)	Me	Min	Max	Sk	Ku
Item 1 – Alimentar a criança.	3.75 (0.82)	4	1	5	-0.55	0.23
Item 2 – Castigar a criança	2.68 (0.75)	3	1	5	-0.33	0.61
Item 3 – Levar a criança ao parque infantil	3.43 (0.84)	3	1	5	-0.21	0.26
Item 4 – Ida ao médico com a criança.	3.37 (1.11)	3	1	5	-0.09	-0.78
Item 5 – Estabelecer limites para o comportamento da criança.	3.86 (0.82)	4	1	5	-0.63	0.83
Item 6 – Dar banho e vestir a criança.	3.59 (0.95)	4	1	5	-0.51	-0.02
Item 7 – Levar a criança a festas de anos.	2.94 (1.08)	3	1	5	0.09	-0.50
Item 8 – Deitar a criança.	3.71 (0.94)	4	1	5	-0.59	0.26
Item 9 – Ajudar a criança a aprender.	4.03 (0.78)	4	1	5	-0.68	0.94
Item 10 – Ficar em casa quando a criança adoecer	3.01 (1.19)	3	1	5	0.15	-0.84
Item 11 – Ler histórias à criança.	3.23 (1.02)	3	1	5	-0.17	-0.24
Item 12 – Levar/ Buscar a criança ao Jardim de Infância.	3.71 (1.01)	4	1	5	-0.59	-0.05
Item 13 – Brincar com a criança.	4.19 (0.74)	4	1	5	-0.76	0.95
Item 14 – Envolvimento na tomada de decisões quando a criança deve ser disciplinada.	2.91 (0.74)	3	1	5	0.01	1.18

Tabela 4. Valores médios (M), medianos (Me), assimetria (Sk), curtose (Ku), valores mínimos (Min) e máximos (Max) dos 14 itens da escala de envolvimento paterno.

Numa apreciação geral, obteve-se um valor recomendado de Kaiser-Meyer-Olkin de 0.87 e um valor de teste de esfericidade Bartlett significativo (inferior a 0.001), constatando-se que a matriz das correlações era diferente da matriz identidade. Em relação à fiabilidade verificou-se que o índice de consistência interna global, estimado pelo alfa de Cronbach, apresentou um valor de 0.81, indicador de uma boa consistência interna (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Quanto ao domínio referente aos cuidados o alfa de Cronbach obtido foi de 0.80, considerado como indicador de uma boa consistência interna (Maroco & Garcia-Marques, 2006). No que concerne ao domínio referente às atividades lúdicas obteve-se um alfa de Cronbach de 0.70 que, embora seja considerado aceitável na área das ciências sociais, deve ser interpretado com precaução. Relativamente ao domínio alusivo à disciplina apresentou um alfa de Cronbach de 0.43, considerado como inadmissível. Este fator deve ser revisto numa futura investigação uma vez que só explica 8.39% e a consistência interna é bastante baixa.

Para os itens de 1 a 13 a opção de resposta variou de 1 (nunca) a 5 (sempre). Em relação ao item 14 a opção de resposta oscilou de 1 a 5, correspondendo, respetivamente, “sempre a mãe” e “sempre o pai”, sendo uma maior pontuação indicadora de uma maior perceção de envolvimento paterno.

Recorrendo à escala original, foram ainda analisados da dimensão presença, dois momentos do quotidiano da criança: pequeno-almoço (“Presente durante a semana nos pequenos-almoços da criança”) e final do dia (“Em casa no final do dia”).

Resultados

Para análise dos dados recorreu-se ao Statistical Package for the Social Sciences, versão 20.0. Foi utilizada estatística descritiva, realizando-se o cálculo da média, do desvio padrão e dos valores máximos e mínimos, ou de frequências e percentagens, de acordo com o tipo de dados (variáveis contínuas ou dicotómicas/categoriais). Em termos de análise inferencial, perante uma distribuição normal e a homogeneidade da variância, optou-se por testes paramétricos, nomeadamente, a ANOVA Unifatorial e o Teste T para amostras independentes. O teste post-hoc de Scheffé foi aplicado perante a existência de diferenças estatisticamente significativas a fim discriminar que grupos se diferenciavam.

Os resultados que a seguir se apresentam estão organizados de acordo com os objetivos estipulados para o estudo.

Relativamente ao primeiro objetivo, que visa compreender o envolvimento paterno nos domínios referentes aos cuidados, atividades lúdicas e disciplina constatou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas nos domínios considerados na avaliação do envolvimento paterno [$F(2,1302)=134.70$, $p = 0.000$]. Como se apresenta na tabela 5, a dimensão referente às atividades lúdicas foi a que obteve um valor mais elevado, seguindo-se o envolvimento em tarefas relativas aos cuidados e apresentando-se um envolvimento paterno menor no domínio alusivo à disciplina.

Envolvimento Paterno		
Cuidados M (DP)	Lúdicas M (DP)	Disciplina M (DP)
3.44 (0.64)	3.82 (0.62)	3.15 (0.53)

Tabela 5. Envolvimento paterno nos domínios relacionados com os cuidados, as atividades lúdicas e a disciplina.

Como se expressa na tabela 6, quanto à análise da presença dos pais é de referir que apenas, respetivamente, 55.20% e 57.10% estão frequentemente e sempre presentes com a criança durante o pequeno-almoço e no final do dia.

Presença Paterna		
	Pequeno-Almoço n (%)	Final do dia n (%)
Nunca	49 (11.20%)	46 (10.50%)
Raramente	59 (13.50%)	56 (12.80%)
Às vezes	88 (20.10%)	86 (19.60%)
Frequentemente	92 (21%)	120 (27.40%)
Sempre	150 (34.20%)	130 (29.70%)

Tabela 6. Caracterização da presença paterna em dois momentos do quotidiano da criança (pequeno-almoço e final do dia).

Passando agora ao segundo objetivo, o de analisar a relação entre os domínios de envolvimento paterno e as características sociodemográficas do pai, no que respeita à idade dos pais, como se apresenta na tabela 7, constataram-se diferenças estatisticamente significativas nos cuidados [$F(4,430) = 3.64, p = 0.006$] e na disciplina [$F(4,430) = 3.39, p = 0.010$]. Considerando os cinco grupos etários pré-definidos, através do teste de Scheffé, foi evidente que os pais entre os 31 e os 35 anos, bem como entre os 36 e os 40 anos revelaram um maior envolvimento nos cuidados dos seus filhos comparativamente aos pais com 46 ou mais anos. Também foi evidente que pais com idades compreendidas entre os 31 e os 35 anos, bem como entre os 36 e os 40 anos disciplinam mais os seus filhos do que os pais com idades compreendidas entre os 41 e os 45 anos.

	Idade do Pai					F	P
	<=30 (n = 28) M (DP)	31 a 35 (n = 117) M (DP)	36 a 40 (n = 162) M (DP)	41 a 45 (n = 104) M (DP)	>=46 (n = 24) M (DP)		
Cuidados	3.28 (0.54)	3.56 (0.64)	3.48 (0.64)	3.37 (0.61)	3.10 (0.71)	3.64	0.006
Lúdicas	3.89 (0.56)	3.89 (0.61)	3.81 (0.63)	3.80 (0.58)	3.50 (0.74)	2.12	0.077
Disciplina	3.17 (0.52)	3.23 (0.54)	3.20 (0.49)	2.99 (0.55)	3.11 (0.58)	3.39	0.010

Tabela 7. Envolvimento paterno em função da idade do pai.

Tecendo uma análise mais pormenorizada dos oito itens que compõem o domínio dos cuidados encontraram-se diferenças significativas apenas em relação à tarefa de dar banho e vestir a criança [$F(4,430) = 2.84, p = 0.024$], levar a criança a festas de anos [$F(4,430) = 3.11, p = 0.015$] e ler histórias à criança [$F(4,430) = 4.12, p = 0.003$]. Uma análise post hoc, através do Teste de Scheffé, confirmou um maior envolvimento dos pais com 31 a 35 anos na tarefa de dar banho e vestir a criança ($M = 3.77, DP = 0.85$) do que nos pais com idade igual ou superior a 46 ($M = 3.17, DP = 1.09$). A mesma tendência foi evidente em relação ao levar a criança a festas de anos, sendo maior o envolvimento dos pais com idades entre os 31 e os 35 anos ($M =$

3.03, $DP = 0.99$) que dos pais com idade igual ou superior a 46 ($M = 2.25$, $DP = 1.19$). Pais com idades entre os 31 e os 35 anos também demonstraram um maior envolvimento na leitura de histórias à criança ($M = 3.38$, $DP = 0.94$), do que pais com idade igual ou superior a 46 ($M = 2.54$, $DP = 1.25$).

Acresce referir que uma análise dos três itens que compõem o domínio da disciplina revelou um efeito significativo da interação da idade do pai no estabelecimento de limites para o comportamento da criança [$F(4,430) = 3.81$, $p = 0.005$]. De facto, os pais com idades entre os 31 e os 35 anos evidenciaram estabelecer mais limites para o comportamento dos seus filhos ($M = 4.02$, $DP = 0.75$) do que pais com idade igual ou superior a 46 ($M = 3.92$, $DP = 0.76$).

Por outro lado, tal como se expressa na tabela 8, os resultados do estudo efetuado também permitiram averiguar a inexistência de uma interação significativa entre o estado civil do pai e o seu envolvimento nos domínios dos cuidados [$F(2,432)=0.44$, $p = 0.442$], das atividades lúdicas [$F(2, 432) = 0.67$, $p = 0.671$] e da disciplina [$F(2,432)=0.48$, $p = 0.481$]. Estes resultados apontam que o estado civil não constitui uma variável relevante na análise do envolvimento paterno.

	Estado Civil do Pai			F	P
	Solteiro (n = 53) M (DP)	Casado/União de facto (n = 355) M (DP)	Separado/Divorciado/ Viúvo (n = 27) M (DP)		
Cuidados	3.39 (0.73)	3.45 (0.61)	3.31 (0.81)	0.44	0.442
Lúdicas	3.89 (0.65)	3.81 (0.61)	3.80 (0.75)	0.67	0.671
Disciplina	3.18 (0.64)	3.16 (0.50)	3.04 (0.60)	0.48	0.481

Tabela 8. *Envolvimento paterno em função do estado civil do pai.*

De acordo com o apurado (tabela 9), foi evidente que nível de escolaridade dos pais influencia a forma como a figura paterna exerce a disciplina [$F(3,431) = 3.54$, $p = 0.015$]. O teste post hoc de Scheffé revelou um maior envolvimento na disciplina da criança nos pais com habilitações superiores comparativamente com os pais detentores do ensino básico. Também se pode constatar que os pais mais escolarizados disciplinam mais os filhos comparativamente aos que possuem uma menor escolaridade. Igualmente se confirmou a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a escolaridade paterna e o recurso ao castigo [$F(3,431) = 3.92$, $p = 0.009$]. Neste sentido, a análise post hoc revelou que os pais mais escolarizados ($M = 2.78$, $DP = 0.67$) castigam significativamente mais os filhos em comparação com os que detêm uma menor escolaridade ($M = 2.51$, $DP = 0.81$).

É igualmente relevante salientar que, apesar do nível de escolaridade dos pais não diferenciar o seu envolvimento no âmbito dos cuidados, uma análise por item, confirmou um efeito da interação entre o nível de instrução do pai e o seu envolvimento em atividades como

o banho [$F(3,431) = 4.57, p = 0.004$], levar a festas de anos [$F(3,431) = 4.49, p = 0.004$] e ler histórias [$F(3,431) = 3.74, p = 0.011$]. Os pais detentores do ensino superior envolvem-se mais na tarefas de dar banho e vestir a criança ($M = 3.77, DP = 0.88$), comparativamente aos pais que possuem o ensino básico ($M = 3.45, DP = 0.98$). A mesma tendência foi evidente em relação ao item alusivo ao levar a criança a festas de anos, estando os pais com o ensino superior ($M = 3.15, DP = 1.02$) mais envolvidos do que os pais com o ensino básico ($M = 2.77, DP = 1.17$). Os resultados obtidos também demonstraram que os pais com ensino superior ($M = 3.41, DP = 0.91$) leem mais histórias do que os pais com o 1º Ciclo do Ensino Básico ($M = 3.15, DP = 1.03$).

	Escolaridade do Pai				F	P
	1º Ciclo do Ensino Básico (n = 9) M (DP)	Ensino Básico (n = 128) M (DP)	Ensino Secundário (n = 145) M (DP)	Ensino Superior (n = 153) M (DP)		
Cuidados	3.11 (1.00)	3.37 (0.71)	3.42 (0.59)	3.53 (0.59)	2.30	0.077
Lúdicas	3.51 (0.93)	3.80 (0.68)	3.77 (0.57)	3.89 (0.59)	1.65	0.178
Disciplina	3.04 (0.56)	3.04 (0.56)	3.16 (0.53)	3.24 (0.48)	3.54	0.015

Tabela 9. *Envolvimento paterno em função da escolaridade do pai.*

A situação profissional dos pais não permitiu diferenciar o envolvimento paterno ao nível dos cuidados, das atividades lúdicas e da disciplina (tabela 10). Não obstante, uma análise atendendo aos itens dos cuidados confirma a existência de diferenças no envolvimento paterno em situações que requerem levar a criança ao médico [$t(433) = -2.19, p = 0.029$] e permanecer com a mesma em casa quando esta adoecer [$t(433) = -3.84, p = 0.000$]. Quando desempregados ou reformados os pais vão mais frequentemente ao médico com a criança ($M = 3.68, DP = 1.19$) do que quando empregados ($M = 3.32, DP = 1.09$). De forma similar, quando desempregados ou reformados ($M = 3.64, DP = 1.30$) acompanham mais a criança em casa quando esta adoecer em detrimento dos pais que estejam empregados ($M = 2.92, DP = 1.15$).

	Situação Profissional do Pai		t	p
	Empregado (n = 382) M (DP)	Desempregado/Reformado (n = 53) M (DP)		
Cuidados	3.42 (0.62)	3.54 (0.77)	-1.08	0.283
Lúdicas	3.82 (0.61)	3.81 (0.71)	0.04	0.965
Disciplina	3.16 (0.53)	3.09 (0.49)	1.00	0.322

Tabela 10. *Envolvimento paterno em função da situação profissional do pai.*

Como se expressa na tabela 11, o nível do envolvimento paterno nas atividades lúdicas diferiu em função do número de filhos [$F(2, 432) = 5.30, p = 0.005$]. Realizado o teste de Scheffé, comprovou-se que esta diferença se deveu exclusivamente ao grupo de pais com um filho cujo envolvimento nas atividades lúdicas com os filhos foi superior comparativamente com o grupo de pais com dois filhos ($p = 0.006$).

A este respeito acresce ainda referir que, analisando-se os itens que compõem este domínio encontraram-se diferenças significativas no envolvimento paterno em função do número de filhos em atividades como ajudar a criança a aprender [$F(2, 432) = 3.73, p = 0.025$], ler histórias à criança [$F(2, 432) = 6.41, p = 0.002$] e brincar com a criança [$F(2, 432) = 8.00, p = 0.000$]. De facto, uma análise post hoc, através do teste de Scheffé, revelou curiosamente que pais com três ou mais filhos ($M = 4.32, DP = 0.78$) envolvem-se mais em ajudar a criança a aprender do que pais com dois filhos ($M = 3.95, DP = 0.76$). Constatou-se igualmente que pais com dois filhos ($M = 4.04, DP = 0.78$) brincam menos com a criança do que pais com três ou mais filhos ($M = 4.43, DP = 0.77$). Também foi evidente que pais com dois filhos ($M = 3.14, DP = 0.96$) se envolvem menos em atividades como ler histórias à criança comparativamente aos pais com um único filho ($M = 3.39, DP = 0.90$).

	Nº Filhos			F	P
	1 Filho (n = 196) M (DP)	2 Filhos (n = 202) M (DP)	>= 3 Filhos (n = 37) M (DP)		
Cuidados	3.43 (0.65)	3.46 (0.61)	3.33 (0.75)	0.73	0.484
Lúdicas	3.91 (0.62)	3.71 (0.60)	3.87 (0.67)	5.30	0.005
Disciplina	3.13 (0.51)	3.17 (0.53)	3.16 (0.65)	0.33	0.722

Tabela 11. *Envolvimento paterno em função do número de filhos.*

No que se refere ao terceiro objetivo analisou-se como as variáveis da criança se relacionam com o envolvimento paterno nos domínios considerados. O envolvimento paterno ao nível dos cuidados, das atividades lúdicas e da disciplina não se diferenciou em função da idade da criança (tabela 12). Apesar da inexistência de diferenças significativas, apurou-se um menor envolvimento paterno aos quatro anos de idade tanto nos domínios dos cuidados, como das atividades lúdicas e da disciplina. De referir ainda que uma análise dos itens da escala também não revelou diferenças no envolvimento do pai em função da idade da criança.

	Idade da criança				F	P
	3 anos (n = 98) M (DP)	4 anos (n = 143) M (DP)	5 anos (n = 30) M (DP)	6 anos (n = 64) M (DP)		
Cuidados	3.51 (0.65)	3.38 (0.59)	3.51 (0.62)	3.30 (0.75)	2.50	0.059
Lúdicas	3.86 (0.62)	3.78 (0.60)	3.83 (0.57)	3.79 (0.75)	0.42	0.736
Disciplina	3.18 (0.54)	3.10 (0.53)	3.19 (0.54)	3.15 (0.50)	0.64	0.588

Tabela 12. *Envolvimento paterno em função da idade da criança.*

Nenhuma diferença estatisticamente significativa foi observada ao comparar-se o envolvimento paterno em função do género da criança, sugerindo que pais dos rapazes e das raparigas se envolvem de forma similar, ao nível dos cuidados, das atividades lúdicas e da disciplina (tabela 13).

	Género da criança		t	p
	Masculino n = 221 M (DP)	Feminino n = 214 M (DP)		
	Cuidados	3.40 (0.64)		
Lúdicas	3.76 (0.56)	3.87 (0.68)	-1.73	0.085
Disciplina	3.18 (0.52)	3.12 (0.54)	1.17	0.241

Tabela 13. *Envolvimento paterno em função do género da criança.*

Complementando o resultado anteriormente apresentado, uma análise em função dos itens que compõem o domínio dos cuidados destacou a existência de diferenças significativas entre o género da criança e o envolvimento paterno nas idas ao parque infantil e na leitura de histórias [$t(433) = -2.13, p = 0.034$]. De facto, pôde verificar-se que os pais de meninas ($M = 3.53, DP = 0.83$) acompanham-nas mais ao parque do que os de meninos ($M = 3.34, DP = 0.84$). De maneira similar, os pais de meninas ($M = 3.33, DP = 0.99$) leem-lhes mais histórias do que os pais de meninos ($M = 3.14, DP = 0.93$).

Discussão dos resultados

Primeiramente consideramos relevante tecer uma apreciação crítica da escala, salientando os seus pontos fortes, sem esquecer, obviamente, as suas fragilidades. Apesar de não ser o objetivo deste estudo a validação psicométrica da escala, não deixa de ser interessante salientar que a versão adaptada da escala de Envolvimento Paterno utilizada apresenta, considerando todos os itens, uma consistência interna, avaliada através do Coeficiente Alpha de Cronbach, aceitável (0.81). Contudo, acresce destacar que os 14 itens que integram a escala se agrupam em três dimensões, cuja consistência interna, varia entre 0.80 e 0.43. A sua utilização e interpretação deverá assim ser feita com as devidas precauções, tendo em conta sobretudo os baixos valores

de consistência interna encontrados, particularmente para o domínio da disciplina (0.43). Pode então dizer-se que a escala constitui um instrumento relevante para a avaliação do envolvimento do pai nos domínios de cuidados e atividades lúdicas, mas não em relação à disciplina. Estudos adicionais afiguram-se necessários para aprimorar o instrumento em relação a este domínio.

Os resultados deste estudo exploratório permitem aferir que o envolvimento paterno varia consoante os domínios de envolvimento. Constata-se um grau relativamente elevado de envolvimento paterno, especialmente, no domínio referente às atividades lúdicas, seguido da dimensão alusiva aos cuidados. Em concordância com estes dados, também outras investigações confirmam que os pais realizam mais atividades recreativas e lúdicas com os filhos (Cia, Pamplin, & Williams, 2008; Flouri & Buchanan, 2003; Pimenta et al., 2010). É provável que este facto tenha sentido se tomarmos em conta que as *“atividades lúdicas surgem mais frequentemente associados a horários (mais) flexíveis, que por isso se moldam mais facilmente à disponibilidade dos pais (...), ao contrário do que acontece com os cuidados, orientados pelas necessidades imediatas da criança”* (Pimenta et al., 2010, p. 574). Este aspeto é tão mais relevante quanto indicativo da presença dos pais, pois quase metade dos inquiridos referiram não estar presentes em casa durante o pequeno almoço e no final do dia da criança. Assim, a presença do pai não reflete forçosamente um menor envolvimento paterno, havendo por isso a necessidade de tomar em conta uma série de outros elementos do contexto ecológico da criança. Acresce ainda destacar que, quando desempregados ou reformados os pais participam mais ativamente nos cuidados de saúde da criança, tarefa usualmente atribuída à mãe.

Por outro lado, o estado civil e a situação profissional não revelaram poder preditivo significativo no que se refere ao envolvimento paterno. Por sua vez, a idade dos pais constitui uma variável que influencia significativamente o envolvimento paterno ao nível dos cuidados e disciplina. Na decomposição da amostra por grupos etários, constata-se que pais com idades entre os 31 e os 35 anos envolvem-se mais nos domínios considerados do que os pais de gerações mais velhas, não corroborando os resultados obtidos por Lima (2005) e Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Costa, Torre e Vaugh (2010). É provável que este facto se deva às assimetrias regionais, pois existem contrastes acentuados entre o litoral e o interior. Além disso, pensamos que a sua configuração contribui para definir “nichos geracionais”, levantando a possibilidade de mudanças intergeracionais, facto que vem reforçar a mudança paulatina de papéis desempenhados pelos pais, concomitantemente com as transformações socioculturais e económicas que têm ocorrido. No entanto, os estudos e as pesquisas em relação à influência da idade do pai no seu envolvimento com a criança são contraditórios. De facto, se alguns estudos

não encontram diferenças em função da idade dos pais (Simões et al., 2010b), outros trabalhos apresentam resultados opostos (Lima, 2005, 2008; Monteiro et al., 2010).

Decorrente dos resultados obtidos surge um outro dado bastante pertinente e que se prende, contrariamente à investigação desenvolvida por Simões, Leal e Maroco (2010b), com o nível instrucional do pai. Neste estudo verificou-se, efetivamente, que pais com uma maior escolaridade recorrem mais à regulação do comportamento da criança e envolvem-se mais na leitura de histórias comparativamente aos pais com menores habilitações académicas. Parece pois que o grau de escolaridade dos pais assume, nesta amostra, uma particular relevância uma vez que parece ter repercussões positivas no envolvimento com os seus filhos, usufruindo estes de condições propiciadoras da literacia e da autorregulação. Tais dimensões são desejáveis na paternidade já que podem ter uma influência positiva na aprendizagem e na cidadania da criança.

Igualmente revela evidências curiosas no que diz respeito à densidade da família, isto é, ao nível do número de filhos. Os resultados obtidos indicam um maior envolvimento paterno em atividades lúdicas nos pais com um filho único do que naqueles com duas crianças. O número de filhos parece constituir um fator importante para o envolvimento paterno. Simões, Leal e Maroco (2010b) encontraram no seu estudo, que o envolvimento paterno ao nível da disciplina difere em função do número de filhos.

Em conformidade com outras investigações (Lima, 2005, 2008; Monteiro et al., 2010; Monteiro et al., 2006) a idade da criança, no nosso estudo, não é uma variável preditora do envolvimento paterno. Tal facto não é surpreendente uma vez que o envolvimento paterno é exclusivamente analisado com crianças em idade pré-escolar.

Os dados do presente estudo demonstram que o género da criança não permite diferenciar o envolvimento paterno nas dimensões consideradas, denotando-se apenas a sua influência no envolvimento dos pais em atividades como a leitura de histórias e a ida com a criança ao parque. Em relação ao género da criança alguns estudos indicam que os pais envolvem-se mais com os filhos do que com as filhas em atividades de cuidados e/ou brincadeiras (Lamb, 2000; Lima, 2005; Monteiro et al., 2010), enquanto outras investigações não encontram qualquer tipo de evidência neste sentido (McBride, Schoppe, Ho, & Rane, 2004; Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006; Monteiro et al., 2009). Também Pleck e Masciadrell (2004) destacam que, ao contrário das décadas passadas, o género da criança parece constituir uma variável com menor influência no envolvimento paterno.

Mas curiosamente, um aspeto interessante que importa ter em conta na análise dos resultados do estudo efetuado prende-se com o maior envolvimento paterno dos pais de meninas nas idas ao parque e nas atividades de leitura. Estas diferenças de género são neste domínio bastante

relevantes pois podem influenciar a forma como os pais interpretam o comportamento da menina e as expectativas que detêm em relação às mesmas. Estudos adicionais deverão aprofundar esta dimensão para uma maior compreensão da realidade do envolvimento paterno.

Por último, outro ponto de discussão relevante liga-se com o decréscimo do envolvimento paterno nos domínios considerados relativamente ao grupo de crianças de 4 anos de idade. Apesar de não ser estatisticamente significativo é um indicador curioso. É provável que os pais percecionem esta faixa etária com menor peso porque não está sujeita à transição de contextos educativos.

Considerações finais

Neste estudo pôde traçar-se retratos do envolvimento paterno com crianças em idade pré-escolar na cidade de Bragança. Através do recurso a uma versão adaptada da Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal & Maroco 2010a), junto a uma amostra de 435 pais, contactou-se que os pais se envolvem mais com os seus filhos nas atividades lúdicas do que nas dimensões dos cuidados e da disciplina. Estes resultados não são de todos surpreendentes atendendo às características da amostra envolvida, à organização das próprias famílias e à quantidade de tempo que as crianças despendem nas instituições.

Considerando as variáveis sociodemográficas dos pais é importante salientar que tanto o estado civil como a situação profissional não produzem efeitos significativos no envolvimento paterno, tendo-se apenas encontrado diferenças significativas na análise intra-item em função da idade, do nível de escolaridade e do número de filhos. Apesar ainda de uma visão estereotipada do envolvimento do pai, neste estudo sobressaem já mudanças paulatinas em pais mais jovens.

Relativamente à influência das variáveis da criança sobre o envolvimento dos pais, neste estudo exploratório, a idade da mesma não é preditora do envolvimento paterno, ao contrário do género que influencia o envolvimento do progenitor na leitura de histórias e na ida ao parque com a criança.

Este estudo permitiu assim sistematizar de forma coerente algumas facetas do envolvimento paterno, o qual é ainda frequentemente omitido nos estudos portugueses, que tendem a privilegiar o papel desempenhado pelas mães. Apesar desta investigação ter permitido alguma compreensão sobre o envolvimento do pai nesta região particular do país, é necessário ressaltar as suas limitações.

Sublinha-se que, para uma maior compreensão dos resultados obtidos, estudos futuros deverão compreender o envolvimento paterno a partir de outros informantes e instrumentos de

avaliação, bem como recolher informações mais detalhadas sobre as consequências desse envolvimento numa perspetiva desenvolvimental dos filhos. De forma similar posteriores investigações deverão aprofundar a relação entre o envolvimento paterno e as práticas de literacia dos pais com crianças em idade pré-escolar.

Destaca-se, também, que a grande maioria dos estudos conduzidos e aqui apresentados têm sido realizados com famílias tradicionais, designação esta que tende a compreender um pai que educa um descendente biológico. Sendo assim, é igualmente imprescindível aprofundar os conhecimentos em relação ao envolvimento paterno das denominadas famílias não tradicionais (p.e., homoparentalidade, famílias de acolhimento, famílias adotivas). Estes serão, portanto, alguns desafios que se colocam à investigação.

Agradecimentos

As autoras agradecem o apoio logístico da Direção da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, bem como o envolvimento da Educadoras de Infância dos Jardins de Infância da cidade de Bragança e a participação dos pais.

Bibliografia

- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, XXII (2), 377-386.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (Vol. 1). New York: Basic Books.
- Cabrera, N. J., Tamis-Lemonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Cia, F., & Barham, E. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as actividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74.
- Day, R. D., & Lamb, M. E. (2004). Conceptualizing and measuring father involvement: Pathways, problems, and progress. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 1-15). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Doherty, W. J., Kouneski, E. F., & Erickson, M. F. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 277-292.
- Featherstone, B. (2004). Fathers matter: a research review. *Children & Society*, 18(4), 312-319. doi: 10.1002/chi.842

- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 203-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jeynes, W. H. (2010). Parental Involvement and Encouraging That Involvement: Implications for School-Based Programs. *Teachers College Record*, 112(3), 747-774
- Lamb, M. (2000). 'The history of research on father involvement: An overview'. *Marriage & Family Review*, 29, 23-42.
- Lamb, M. E. (2002). Father Involvement and Child Development. In C. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement: Multidisciplinary Perspectives* (pp. 91-92). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Lamb, M. E. (2010). How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of father in child development* (pp. 1-26). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lima, J. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J.B.Ruivo (Ed.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativo* (pp. 200-233). Porto: Livpsic.
- Lima, J. (2008). *O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar*. Paper presented at the 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança, Braga. http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pubs_pesquisa.FormView?P_ID=84683
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- McBride, B., Schoppe, S. J., Ho, M., & Rane, T. R. (2004). Multiple determinantes of father involvement: An exploratory analysis using the PSID-CDS Data Set. In R. Randal & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 321-340). Hillsdale, NJ: LEA.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I., Torre, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares. Associações com o que é Desejado pela Mãe e com Características de Criança. *Revista Interamericana de Psicología*, 44(1), 120-130.

- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? . *Psicologica*(42), 21-229.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(XXVI), 395-409.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., Torres, N., & Fernandes, M. (2009). The organization of children's secure base behaviour in two-parent Portuguese families and father's participation in child-related activities. *European Journal of Developmental Psychology*, 7(5), 545-560. doi: 10.1080/17405620902823855
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing “involvement”: Expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200–216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2002). Involved Fathering and Child Development: Advancing Our Understanding of Good Fathering. In C. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement: Multidisciplinary Perspectives* (pp. 119-140). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Parke, R. D. (2000). Father Involvement. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 43-58. doi: 10.1300/J002v29n02_04
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-74). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Phares, V., Fields, S., Kamboukos, D., & Lopez, E. (2005). Still looking for Poppa. *Am Psychol*, 60(7), 735-736.
- Phares, V., Lopez, E., Fields, S., Kamboukos, D., & Duhig, A. M. (2005). Pediatric Psychology Research and Treatment? . *Journal of Pediatric Psychology*, 1-13.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4(XXVIII), 565-580.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement. Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58-93). Hoboken, NJ: Wiley.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222-271). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Roggman, L. A., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Raikes, H. (2002). Methodological, Measurement, and Design Issues in Studying Fathers: An Interdisciplinary Perspective.

- In C. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement: Multidisciplinary Perspectives* (pp. 1-30). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Roskam, I., & Meunier, J. (2009). How do parenting concepts vary within and between the families? *European Journal of Psychology of Education*, 24(1), 33-47. doi: 10.1007/bf03173473
- Saracho, O. N., & Spodek, B. (2008). Fathers: the 'invisible' parents. *Early Child Development and Care*, 178(7-8), 821-836. doi: 10.1080/03004430802352244
- Schoppe-Sullivan, S. J., Diener, M. L., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., McHale, J. L., & Frosch, C. A. (2006). Attachment and sensitivity in family context: the roles of parent and infant gender. *Infant and Child Development*, 15(4), 367-385. doi: 10.1002/icd.449
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2004). O envolvimento paterno em pais não residentes: algumas questões teóricas. *Psico*, 35, 185-194.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010a). *Escala de envolvimento paterno: Um estudo de validação de um instrumento*. Lisboa: Placebo Editora.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010b). Paternal Involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 11(2), 339-356.
- Souza, L., & Benetti, S. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 19(42), 07-106.